

DANÇA ESPONTÂNEA

Cibelle Pereira Marques Felisberto
cibellemarques@outlook.com
<http://lattes.cnpq.br/1560710710999078>

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um desdobramento do Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado em Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro, intitulado “Inventário de Si: Janelas que se abrem para possíveis interseções entre a dança espontânea em ambientes eclesiais e a improvisação em dança”. O estudo iniciou-se a partir da finalização da pesquisa de conclusão e adentrando em um recorte específico sobre a dança espontânea, suas delimitações, semelhanças e diferenças com o improviso. Considera-se a necessidade de refletir sobre até que ponto realmente é se dançado de forma espontânea ou se está havendo uma reprodução de movimentos já previamente conhecidos. Assim também, é pertinente a pesquisa de formas, estudos e técnicas que possibilitem a amplitude da dança espontânea.

Palavras-chave: Dança; Improvisação; Espontâneo;

Somos detentores de conhecimentos prévios e saberes singulares, provenientes de nossas histórias, contextos, família, ambiente em que vivemos e de tudo que nos permeia, influenciando nossas vidas. E por vezes, podemos encontrar semelhanças onde alguém ainda não observou, pois são nossas memórias, de nossos saberes, que fazem a ponte entre algo e outro. E isso me ocorreu por meio da disciplina Roteiros e Improvisações I (EFA 507) do curso de Bacharelado em Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde tive uma percepção: a dança espontânea que permeia alguns ambientes eclesiais protestantes tem algumas semelhanças e interseções com o improviso.

A dança espontânea foi uma experiência importante no meu caminho com a dança e mesmo havendo a proposta da imprevisibilidade e liberdade de movimentos, percebi que com o decorrer do tempo, alguns movimentos não eram mais espontâneos, eu acessava a minha memória corporal e reproduzia um movimento que já havia realizado antes, ou seja, eram movimentos conhecidos. Assim, comecei a me questionar: minha dança realmente é espontânea?

Com isso, precisei buscar a definição da palavra espontâneo, que segundo o Dicio, **Dicionário Online de Português**, significa: “que ocorre naturalmente; cujo desenvolvimento não é premeditado; que não possui nem demonstra artificialismos; natural”.

Através da questão: “minha dança é espontânea?” e do significado da palavra espontâneo, observei que havia diferenças e semelhanças entre a dança espontânea e o improvisado que eu estava tendo contato durante a graduação. E que através das práticas e jogos de improvisação minha zona de conforto de reprodução de alguns movimentos foi potencializada e também, bem como me possibilitaram a sair dela, pois pude ter subterfúgios para criar um novo vocabulário de movimentos. Descobri também que minhas memórias poderiam ser inspiração para composições na dança

Com isso, surgiu o desejo de compartilhar com outras pessoas a respeito desse assunto, a fim de instigá-las a criar novos rumos dançantes a partir de reflexões e tentativas de respostas para as indagações que surgirem.

A dança no cristianismo ocidental e seu banimento

A dança no cristianismo protestante ocidental passou por diversas fases e saber cada uma delas nos faz compreender melhor a dança em ambientes eclesiais atualmente. Para mim, é importante enfatizar que a dança é presente explicitamente em algumas passagens dentro da Bíblia no Antigo Testamento, que contém a história do povo hebreu. O próprio rei Davi dançou, como é visto em: “Davi e todos os israelitas iam cantando e dançando perante o Senhor, ao som de todo o tipo de instrumentos de pinho, harpas, liras, tamborins, chocalhos e címbalos” (BÍBLIA, II Samuel, 6, 5) e em “Então, Miriã, a profetisa, a irmã de Arão, tomou o tamboril na sua mão, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamborins e com danças” (BÍBLIA, Êxodo, 15, 20).

Diante dessas passagens surgiram duas indagações: “esse tipo de dança que é retratada na história do povo judeu e em suas festividades culturais, são improvisos? São danças espontâneas?” e “por que cargas d’água a dança posteriormente será banida do cristianismo por um período de tempo se ela estava presente em diversas situações na bíblia?”.

Para Torres (2007) se a dança é presente na cultura de forma tão explícita, “[...] a ausência da dança vivida pelo mundo cristão protestante não aconteceu por uma herança hebraica, uma vez que, nesta cultura, a dança se mostrava como parte integrante de sua religião [...]” (TORRES, 2007, p. 45).

O processo que culminou no banimento da dança em cultos cristãos ocidentais provavelmente ocorreu através uma forte influência: a cultura grega, que é inserida no meio do povo judeu a partir da dominação de Israel pelo exército de Alexandre Magno. Diante dessa dominação, o inevitável aconteceu: os judeus começaram a absorver os hábitos e costumes dos gregos, influenciando diretamente sua cultura (TORRES, 2007).

Outra importante influência, que provavelmente também auxiliou no processo de banimento, foram os pensamentos de filósofos gregos, como Aristóteles, Platão e Heráclito, pois:

No pensamento destes filósofos e de vários outros, percebe-se a dualidade corpo e alma do ser humano, alguns direcionando o corpo como algo pecaminoso e terreno, outros como lugar possível de manifestação do Sagrado. Tal dualismo pode ter gerado controvérsias entre os cristãos no que diz respeito às expressões corporais. (TORRES, 2007, p. 57).

Inicia-se no cristianismo ocidental uma ruptura com as danças de qualquer origem e de forma geral a dança se torna um ato profano, principalmente quando sua origem ou “propósito” não é adorar a Deus, Conceição Vianna de Fátima (2001) aborda em seu estudo que:

Os pensadores medievais mantiveram a tradicional ideia de que a verdadeira essência do ser humano está na alma, mesmo que o pensamento cristão defendesse a dignidade do corpo enquanto criação de Deus. A carne estava associada ao pecado, e se costumava castigá-la para sua purificação. O trabalho corporal, apesar de dignificado, era relegado aos escravos e aos mais pobres. (FÁTIMA, 2001, p. 14).

Logo, a dança está no corpo carnal e não no espiritual, trazendo uma hierarquia e separação entre o corpo concebido como físico e o espiritual. Quando surge o cristianismo protestante, ele absorve do Catolicismo esse banimento das danças tanto dentro do culto quanto fora do templo, na vida cotidiana dos seguidores. Torres (2007) aborda que tanto a Reforma Protestante como o Concílio de Trento são o ponto de partida de uma evangelização dos cristãos, diante disso a separação entre o sagrado e o profano ganha maior notoriedade e continua dizendo que:

As autoridades religiosas tomam medidas contra as festas folclóricas, que passam a ser realizadas secretamente, sem a participação do clero. É possível que neste momento a dança tenha sido totalmente abolida do ambiente eclesiástico cristão. (TORRES, 2007, p. 70).

Sendo assim, a dança passa a não ser mais praticada pelos cristãos, nem em ambientes eclesiásticos e nem culturais.

A volta da dança no cristianismo protestante

Segundo Torres (2007) a dança é inserida no ambiente do culto cristão protestante ao final da década de 90. A autora ainda discorre que não há indícios da dança no protestantismo, quando o mesmo se instaura no Brasil, mas que “o quadro parece começar a mudar quando em 1960, as igrejas protestantes passam por uma renovação em sua liturgia” (TORRES, 2007, p. 71). Mudança essa que ocorre através da música, quando instrumentos que antes não faziam parte do contexto musical cristão surgem e incorporam novos ritmos. Isso pode ter ocasionado durante o louvor, alguns gestos de dança e até mesmo pequenas coreografias, abrindo caminho para a dança no culto cristão posteriormente.

A dança antes tida como algo pecaminoso e fora do contexto protestante tem sido canal de celebração para os cristãos evangélicos. Este movimento que tem acontecido nos últimos 15 anos, envolvendo igrejas neopentecostais, pentecostais, tradicionais e históricas, iniciou no Brasil no momento em que alguns bailarinos brasileiros que dançavam na festa dos Tabernáculos em Israel, pela Embaixada Cristã em Jerusalém, começaram a difundir pelo

país a dança no culto. Vários grupos de dança, que já atuavam em igrejas evangélicas dançando, porém, como forma de apresentação para ilustrar pregações ou mesmo proclamar o evangelho, tiveram a oportunidade de se apropriar da dança não somente como apresentação, mas como parte do culto a Deus. (TORRES, 2007, p. 33).

O retorno da dança em ambientes eclesiásticos cristão protestantes ocidentais foi uma resposta à pergunta já feita de “por que cargas d’água a dança foi banida?”, pois vemos que houve um erro, mostrando que decisões tomadas em esferas religiosas podem ser equivocadas e tomadas por perspectivas diferentes da própria bíblia.

A dança não foi banida segundo a bíblia ou segundo o que Deus mandou, mas sim, segundo interpretações humanas, manipulações nos contextos culturais e sociais. Logo, um perigo da religião cristã ocidental é que algumas decisões tomadas por homens se tornam uma regra, uma verdade absoluta, que não representa em si uma vontade de Deus.

Dança Sagrada

A dança no ambiente eclesiástico cristão protestante ocidental atualmente é vista por algumas igrejas como uma forma de expressão durante o culto a Deus e também, um tipo de adoração a Ele, bem como um instrumento a serviço da igreja local. Essa dança pode ser denominada de várias formas, como: dança sagrada, dança litúrgica, dança ministerial, dança eclesiástica.

Conceitualizar a dança em ambientes religiosos é uma tarefa difícil, pois essas danças exprimem muito além desse próprio ambiente ou melhor, elas dialogam com outros locais, sejam esses lugares palpáveis ou não. Mas para meu estudo é necessário essa definição e primeiro compartilho do que Maurice Béjart escreveu sobre dança quando prefaciou o livro *Dançar a vida* de Garaudy: “A dança é união. União do homem com seu próximo. União do indivíduo com a realidade cósmica. A dança é um rito: ritual sagrado, ritual social” (BÉJART, 1980, p. 08).

Como dito anteriormente, o cristianismo possui uma divisão, entre o que é considerado sagrado e do que é profano, e para que eu pudesse compreender o que era a dança espontânea, precisei analisar primeiro a divisão dentro da própria dança. Para isso, trago o que Maurice Béjart (1980) diz, que há dois tipos de dança - sagrada e profana:

Dança sagrada - O homem está só diante do Incompreensível: angústia, medo, atração, mistério. As palavras de nada servem. Para que dar a isso nomes como Deus, Absoluto, Natureza, Acaso? ... O que é preciso é entrar em contacto. O que o homem busca, para além da compreensão, é a comunicação. A dança nasce dessa necessidade de dizer o indizível, de conhecer o desconhecido, de estar em relação com o outro. Dança profana - O homem faz parte de um dado grupo étnico, social, cultural. E tem necessidade de se sentir fazendo parte integralmente deste grupo: de estar em relação com os outros. Muito mais do que as leis, os costumes, o traje e a linguagem é o gesto que vai dar existência a essa união. As mãos se juntam, o ritmo une as respirações, a dança folclórica nasce, com seu leitmotiv universal: a ronda, a farândola [...] (BÉJART, 1980, p. 08).

Então, o que eu dançava em ambientes eclesiásticos era justamente a dança sagrada apontada por Béjart (1980), em que existe essa necessidade de dizer o indizível, de conhecer o desconhecido. Na dança sagrada a minha necessidade de dizer o indizível era trabalhada na dança espontânea.

Tipos de composições em dança no ambiente eclesiástico: dança espontânea

Há dois tipos de danças bem difundidas e realizadas no ambiente eclesiástico: as coreografias e as espontâneas. Tenho a impressão que as coreografias foram a porta de entrada da dança em ambientes eclesiásticos. Com sequências de movimentos ensaiados anteriormente e memorizados, são executadas, principalmente em datas comemorativas dos cristãos e eventos da igreja local, como: páscoa, natal, aniversário da igreja, eventos etc.

A dança espontânea surge provavelmente após o estabelecimento da coreografada. Esse tipo de composição em dança pode se dar tanto dentro de uma coreografia, quanto em um solo ou dueto completamente espontâneo. A proposta é que haja liberdade de criação nos movimentos executados pelas dançarinas, sempre dedicados ao Sagrado.

Apesar de ser bastante difundida, esse tipo de composição pode ser difícil para algumas dançarinas, principalmente aquelas que não tiverem um grande vocabulário de movimentos ou técnica de preparação. Mas ainda assim, esse tipo de composição traz consigo sensações que a coreografia pode não ter, como a sensação de cura, conexão ao Sagrado e uma intimidade ligada ao individual, ou seja, cada dançarina pode ser tocada de forma diferente. Depois de certo tempo, tendo contato com algumas bibliografias, percebo que a proposta da dança espontânea era semelhante ao que o povo judeu realizava e que a autora Luciana Torres escreve em sua dissertação de mestrado:

Sendo um povo por natureza festivo, os israelitas apreciavam música ritmada e não ficavam parados para ouvi-la. Gostavam de expressar livremente suas emoções, tanto as alegrias quanto as tristezas, através das danças e o faziam nas suas festas. (TORRES, 2007, p. 40).

E isso me fez pensar na pergunta que fiz anteriormente: “Seria essa dança um improviso? Seria uma dança espontânea?”. E acredito que seja sim, pois expressar livremente suas emoções não me parece algo ensaiado ou pré-definido. Assim, através da dança espontânea há uma conexão com a ancestralidade da dança cristã resgatando emoções, expressões e maneiras de se comunicar com Deus de formas diferentes. Ressalto ainda, que há muito além a ser explorado, estudado e experimentado.

Ainda, sobre a dança espontânea, trago um recorte do que Garaudy (1980, p.13) diz: “a expressão, através de movimentos do corpo organizados em sequências significativas, de experiências que transcendem o poder das palavras e da mímica” e ressalto a diferença entre sequência de movimento pré-estabelecidos, mímicas do que está sendo dito em uma música e a dança espontânea.

Podemos utilizar a música como um fator que amplia nosso vocabulário de movimento. Algo que sempre tento pensar é que no momento de uma apresentação com dança, a dança deve ser a arte principal e não a música. Muitas vezes a dança espontânea é acompanhada de um louvor, o que pode fazer a

experiência espiritual e espontânea mais ampla, pois nem sempre a música a ser tocada poderá ser conhecida pela dançarina e isso possibilita a imprevisibilidade, o acaso, a fuga do controle.

Porém se essa música é conhecida ou dançada várias vezes pela dançarina, como podemos não cair numa sequência coreografada ao invés de continuar o espontâneo? Depois de alguns anos praticando a dança espontânea me surgiram alguns questionamentos acerca da prática, dentre eles: como não entrar numa zona de conforto de movimentos e acabar reproduzindo sempre os mesmos?

Quando não há acesso a muitas informações ou estudos que possam auxiliar a essa saída da zona de conforto a dança que deveria ser espontânea, passa a ser então, um lugar de rotina e hábitos de movimentação. Mara Guerrero fala sobre isso quando diz: “Quanto mais estabilizados os hábitos, menos espontaneidade é encontrada em qualquer processo evolucionário.” (GUERRERO, 2000, p. 5).

Diante disso, foi interessante para mim, perceber na Graduação em Dança as possibilidades de criação de movimentos que improviso trabalha e também aprender através de dinâmicas, bibliografias e aulas a ter subterfúgios para tentar sair ou potencializar minha zona de conforto e explorar novos voos dançantes.

Como não entrar numa zona de conforto de movimentos?

Primeiro, é importante ressaltar que a zona de conforto não necessariamente é algo ruim e que ao tentar sair dela não seria necessário criar o inédito. Sair da zona de conforto não é sair de movimentos conhecidos para inéditos, pois ainda que você mergulhe no mesmo rio duas vezes, da mesma forma, ele já não é o mesmo rio (Heráclito). A própria coreografia, por mais que não seja inédita, traz experiências diferentes dependendo do que ela significa para a dançarina naquele dia, bem como o estado da dançarina naquela ocasião, pois é provável não estarmos em estados iguais.

E para além disso, a percepção que há o novo e o outro: pode estar ocorrendo a apresentação do mesmo espetáculo coreografado, com os mesmos movimentos, no mesmo espaço, mesmo figurino, mesma música, mas a cada vez que a dançarina entra em cena pode lidar de outra forma, o modo de interação é outro. Seria uma improvisação sutil, onde o modo operante muda. Então, eu percebo que a princípio, não é que eu quisesse sair completamente da minha zona de conforto, mas sim ampliá-la e instigá-la, até porque, é em nossa zona de conforto que encontramos potências.

E não, você não encontrará uma fórmula mágica para ampliar sua zona de conforto ou sair dela, mas posso dizer que depois da disciplina de Roteiros e Improvisações I, percebi que para ampliar as possibilidades de criação, são necessárias ações, como treinamentos em improvisação, com exercícios e dinâmicas, mas também é necessário a mudança de hábito. O hábito é uma tendência natural intrínseca aos seres vivos e vai se fortalecendo a partir das próprias vivências (GUERRERO, 2000).

Na dança espontânea percebo que o hábito, além de natural, também é produzido pelo próprio meio, pois na liturgia dos cultos há hábitos e padrões estabelecidos. Sendo assim, a dança nesse meio é levada a ser sempre da mesma forma. Porém, o que Mara Guerrero diz é completamente válido e verdadeiro: “Uma rigidez excessiva paralisa o sistema, assim como uma plasticidade excessiva não cria coesão. Liberdade e coesão se relacionam com propósitos intencionais” (GUERRERO, 2000, p. 4). E, por isso, acredito ser importante a consciência, primeiramente, de que é necessário ter uma mudança de hábito, assim como explicita a autora:

A mudança de hábitos pode ser vista como uma bifurcação que acontece nas relações e na constituição dos signos. Quanto mais estabilizados os hábitos, menos espontaneidade é encontrada em qualquer processo evolucionário. Quanto maior a diferença entre dois signos, mais instável torna-se o processo, o que favorece a mudança de hábito. Porém, durante a ação do tempo, em sua tendência natural, a estabilização de hábitos se fortalece e a espontaneidade diminui. (GUERRERO, 2000, p. 5).

Depois dessa consciência, vejo que é necessário trabalhar também para que ocorra a mudança. Neste âmbito, Mara Guerrero propõe “táticas de movimento e composição da dança com objetivos de experimentar outras formas de organização” (GUERRERO, 2000, p. 8).

E aqui entram os jogos e dinâmicas que há no improviso. O improviso é uma ferramenta potente para rever padrões de hábitos, no meio da dança espontânea. Na disciplina de Roteiros e Improvisações I (EFA 507) foi-se proposto um jogo de improvisação que acredito ser pertinente como ferramenta: a tabela de partitura corporal.

Logo no início da disciplina, preenchamos de forma essa tabela, com partes do corpo e qualidades de ações físicas, que tinha como propósito a criação de uma partitura corporal que nos levasse à execução de movimentos inusitados. Isso proporcionou um estado de atenção maior para o jogo do improviso. Além disso, havia uma progressão com relação aos componentes desse improviso, tais como: trilha sonora, figurino, iluminação e cenário.

Essa progressão fez com que trabalhássemos cada fator/qualidade de uma vez e perceber a importância de cada uma delas ao final, ao juntar tudo. É inegável que há uma defasagem de estudos a respeito de técnicas que possibilitem a expansão do campo de composição na dança espontânea, como também em pessoas com conhecimento que possam auxiliar. Porém acredito que um dos caminhos possíveis para essa expansão é o estudo do improviso.

Dança espontânea e improviso: diferenças e semelhanças

Para nos assegurarmos que esses dois tipos de composição em dança não são iguais, é preciso defini-las. Para isso, trago o que a autora Mara Guerrero define como improvisação:

A improvisação é uma das diversas formas de composição em dança, que se difere pela característica processual em suas configurações. Pode ser definida, de um modo geral, como ocorrência que se obtém através de procedimentos que não apelam para combinação

prévia de sua organização (incluindo movimentos e noções de composição constituintes da dança). Pode ser considerada uma 'obra aberta', cuja pesquisa, produção e apresentação se configuram na ideia de processualidade, entre replicações de regras transitórias e princípios de adaptabilidade nas tomadas de decisões em 'tempo real'. Não existe uma obra ideal pré-elaborada, e sim uma composição organizada por possibilidades durante a própria ocorrência, indicando a imprevisibilidade e diversidade a qual é constituída. (GUERRERO, 2000, p. 2).

Por mais que pensemos no ato de improvisar como algo igual ou semelhante a dança espontânea, as características e regras da dança espontânea diferem da definição trazida de improvisação. A dança espontânea contém alguns fatores delimitantes por conta da religião, tais como:

- Normalmente há o pré-requisito que os movimentos não podem exaltar o corpo físico, logo, como há uma visão bastante sexualizada da figura feminina no Cristianismo, as dançarinas não podem realizar movimentos que "incitem" partes do corpo sexualizadas, como: seios, quadril, região íntima, nádegas. Assim, como o figurino também não deve evidenciar essas partes, na maioria dos casos, os figurinos ou vestimentas devem tapar todo o corpo ou ser largo o suficiente para não marcar as partes;
- Quanto às músicas a serem utilizadas em composições de dança espontânea, apenas são aceitas as que são consideradas cristãs, feitas por artistas cristãos;
- As inspirações para montagens de roteiros dramáticos seguem a linha cristã também, não podendo ir contra a bíblia ou a algumas regras específicas de cada denominação.

Já no improviso:

- Há técnicas para não acabar criando hábitos de movimentos;
- Não há limitação quanto a partes do corpo a ser usada, nem tão pouco regras específicas para figurinos e músicas;
- Também não há delimitação de estudo e pesquisa apenas no âmbito religioso cristão, na verdade, o improviso pode ser um ato crítico contra o sistema religioso. Podendo haver estudos de movimentos independentes e elementos diversos do improviso;
- O elemento Sagrado, no improviso, não se delimita a uma única religião, tão pouco uma única ideologia.

Semelhanças

Considero que a dança espontânea tenha interseções e semelhanças com o improviso, tais como:

- Nem tudo que diz respeito a movimentos devem ser pré-estabelecidos;
- A relação com elementos improváveis (música, sons ambientes, dimensão do local, solo etc.);
- Possibilidade de expressar sentimentos e trabalhar com eles através dos movimentos;
- Possui também interseções e algumas semelhanças com os improvisos com e sem acordos prévios, segundo definição apresentada pela autora Mara Guerrero (2000, 2008);
- Ambas são composições em dança, trazem conceitos artísticos e são artes da dança. Mesmo que cada uma tenha suas especificidades, histórias, dinâmicas e que mesmo em meio ao rito, a adoração, há um ato artístico.

Considerações finais

O improviso não é uma dança espontânea, mas existem semelhanças e interseções que podem levantar a hipótese de que a dança espontânea em ambientes eclesiais é um tipo de improviso e que se utiliza de algumas técnicas do mesmo.

Assim, dança espontânea é um tipo específico de composição em dança, com suas delimitações por conta do ambiente religioso em que está inserida e que ainda necessita de aprofundamentos técnicos e estudos pertinentes ao campo da dança, que poderão auxiliar e potencializar a expressão corporal das intérpretes e às possibilidades criativas.

E apesar de haver fatores delimitantes, ela também pode ser abrangente no sentido de experiências religiosas profundas. Seus praticantes podem experimentar a interseção entre o Sagrado e o humano, permeando lugares palpáveis ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÉJART, Maurice. Prefácio. In: GARAUDY, Roger. **DANÇAR A VIDA**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BÍBLIA DA ADOLESCENTE APLICAÇÃO PESSOAL. **A arca da aliança é levada para Jerusalém, A Canção de Miriam**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH). Rio de Janeiro: CPAD, 2006. Velho Testamento.

Dicio, **Dicionário Online de Português**, 2021. Definições e significados de mais de 400 mil palavras. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 01/08/2022

FÁTIMA, Conceição. **DANÇA: linguagem do transcendente**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2001.

GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GUERRERO, Mara. **FORMAS DE IMPROVISAZÃO EM DANÇA**. In: V Congresso da ABRACE, vol. 9, n. 3, 2008, Bahia. Anais. Bahia: Abrace, 2008, p. 1-5.

GUERRERO, Mara. **O ATO COMPOSITIVO NA IMPROVISAZÃO EM DANÇA: UMA RELAÇÃO ENTRE HÁBITOS E MUDANÇA DE HÁBITOS**. Travessias, n. 2, p. 1-9, 2000.

TORRES, Luciana. **A dança no culto cristão**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Possui experiência com dança em ambientes eclesiais cristãos protestantes há mais de uma década como dançarina e coreógrafa, iniciou seus estudos e aprofundamentos na dança espontânea e no improviso durante a graduação. É Bacharela em Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e possui formação em Dança pela Escola de Missões Metodista e em Contato e Improvisação pela metodologia Marília Carneiro. Diretora e intérprete do vídeo dança: JANELAS (parte integrante do trabalho de conclusão de curso). E criadora de conteúdo digital no Instagram @diariodeestudance, onde propaga-se o curso de graduação em dança.